Memórias para uma 'vingança poética'

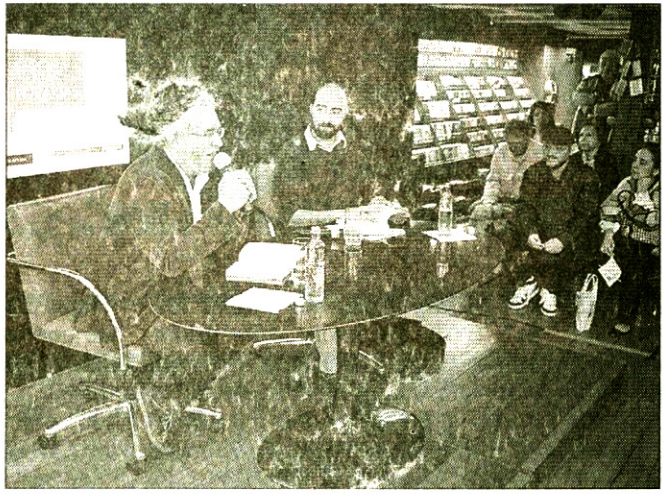
Colombiano Héctor Abad discute livro sobre o pai no Prosa nas Livrarias

Duilo Victor
duilo.victor@oglobo.com.br

Protagonista de uma das melhores mesas da recém-encerrada Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o jornalista e escritor colombiano Héctor Abad esteve no Rio na terça-feira para falar sobre "A ausência que seremos" (Companhia das Letras), livro de memórias sobre seu pai, o médico e ativista de diretos humanos Héctor Abad Gómez, morto nos anos 1980 por paramilitares de direita na Colômbia. Na primeira noite da edição especial do Prosa nas Livrarias, que esta semana promove um ciclo de encontros com autores da Flip na Travessa do Shopping Leblon, Abad disse ter escrito o livro impulsionado por um desejo de "vingança poética" através da literatura.

O autor lembrou que, nos anos 1980, os paramilitares acusavam ativistas de esquerda, como seu pai, de cumplicidade com os sequestros da narcoguerrilha, conhecida por usar discurso comunista para justificar o terrorismo.

Mônica Imbuzeiro



HÉCTOR ABAD (*à esquerda*) e o repórter Guilherme Freitas

— Papai não estava a favor das guerrilhas, dos sequestros... Mas se o Estado combatia isso com os mesmos métodos, perdia sua legitimidade. Neste livro, conto a verdade, e a verdade, para mim, é uma maneira de desmascarar (*o discurso dos paramilitares*). É um ato de justiça, mas também de vingança, poética e pacífica.

No encontro, mediado pelo repórter do Prosa & Verso Guilherme Freitas, Abad falou sobre o conturbado ambiente político na Colômbia na época do assassinato do pai, que levou seis tiros em uma emboscada:

— Como médico, ele lutava por coisas simples, como água potável, moradia digna. Nos anos 1980, percebeu que a primeira causa de morte (*na Colômbia*) não era mais a diarreia, mas a violência, os homicídios. Como médico, só queria combater o que considerava uma peste, a violência. Para isso, tinha que intervir politicamente também, mas acabou infectado pela peste da violência.

O livro, no entanto, concentra-se mais no trato amoroso do médico com os filhos e a mulher do que na violência colombiana. O autor lembrou que, numa época em que a sociedade colombiana tinha pais rigorosos, sobretudo com filhos homens, seu pai se destacava pelo afeto e pela proximidade física. Mais que uma homenagem, porém, Abad quis fazer em "A ausência que seremos" um retrato completo do pai.

— Antes de escrever, pedi licença à minha mãe e às minhas irmãs, que me deram muitos detalhes que eu não conhecia. Quis mostrar meu pai por completo, com defeitos e virtudes.

Hoje, no encerramento deste ciclo do Prosa nas Livrarias, o crítico do GLOBO José Castello conversa com o crítico e professor João Cezar de Castro Rocha sobre a obra de Oswald de Andrade, autor homenageado na Flip este ano. O editor assistente do Prosa & Verso, Miguel Conde, será o mediador do debate, às 19h30, na Travessa do Shopping Leblon. ■